

A DINÂMICA DA COMUNICAÇÃO NA FAMÍLIA E O SURGIMENTO DE SINTOMAS PSICÓTICOS EM ESQUIZOFRÊNICOS

MORAIS, Geuza Ferreira de
Graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG – GARÇA/SP –
BRASIL
e-mail: geuzamorais@bol.com.br

RONDINA, Regina de Cássia
Docente do Curso de Psicologia FASU/ACEG – GARÇA/SP – BRASIL
e-mail: rcassiar@terra.com.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma breve revisão da literatura sobre a influência da dinâmica familiar no surgimento e evolução da esquizofrenia. Discute o papel de fatores pertinentes aos processos de comunicação na família do paciente, ressaltando o papel do duplo vínculo na psicodinâmica familiar e sua importância para o problema que está sendo considerado.

Palavras-chave: Esquizofrenia, família, duplo vínculo.

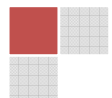
ABSTRACT

This article presents a brief literature review about the influence of family's psychodynamic in schizophrenia construction and organization. It discusses the role of communication factors in the patient' family, enfatizing the role of double-link in family's psychodynamic and its importance to the problem that is being considered.

Keywords: Schizophrenia, family, double-link.

1. INTRODUÇÃO

A literatura especializada revela que um conjunto de fatores de natureza diversa pode influenciar o aparecimento da esquizofrenia. Atribui-se o surgimento e evolução da doença a aspectos como aprendizagens errôneas no ciclo de desenvolvimento vital,



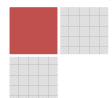
distorções cognitivas, dinâmica inconsciente, variáveis de natureza genética e/ou neurobiológica, entre outros fatores (HOLMES, 2001). Dentre as diversas explicações presentes na literatura científica, vários autores propõem que o surgimento e evolução dos sintomas da doença podem ser influenciados, em maior ou menor grau, também, por fenômenos interpessoais. Em especial, atribui-se importância crucial aos modelos de comunicação dentro do sistema familiar do paciente.

Assim sendo, este artigo apresenta uma breve revisão da literatura sobre o assunto, destacando o papel de vínculos familiares e os processos de comunicação no surgimento e/ou agravamento de sintomas psicóticos, em pacientes com esquizofrenia. Pretende-se, com isso, contribuir para a atuação de profissionais da área de saúde e de áreas afins, que atuam no âmbito da prevenção e/ou tratamento da esquizofrenia.

2. CONTEÚDO

Desde a década de 50, estudiosos buscam estabelecer relações de causalidade entre aspectos das relações e estruturas familiares (em especial o relacionamento mãe-filho e as relações maritais) e a manifestação da esquizofrenia (VILLARES; REDKO; MARI, 2005). Autores como Elkaim (1998), ressaltam que o sistema familiar tem um papel essencial para a evolução do indivíduo, pois a identidade tem origem, ao mesmo tempo, no sentimento de pertencimento e no de separação. Segundo este autor, as famílias são como laboratórios em que esses dois ingredientes são ministrados e misturados, dando base à identidade individual e provendo instrumentos de socialização. Um dos temas mais investigados, nas últimas décadas, em torno dessa questão, refere-se aos “padrões comunicacionais familiares”.

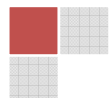
Um aspecto da comunicação, diretamente, relacionado às relações familiares conflituosas que, segundo alguns autores, têm papel fundamental no surgimento e/ou evolução dos sintomas da doença; se refere à ambigüidade das mensagens transmitidas no seio familiar. Para entendimento do assunto, é importante salientar, entre outros referenciais, a “teoria do duplo vínculo”. Em seus estudos sobre a análise



das comunicações interpessoais e a estrutura da família, Bateson (1956, apud CALLIL 1987) define o duplo vínculo como uma distorção da comunicação, ou seja, uma mensagem que chega para quem a recebe, com duplo sentido. A pessoa não consegue, assim, distinguir qual das mensagens deve ser descartada e qual deverá ser considerada, o que a conduz a um impasse, fazendo com que ela veja o mundo pela ótica da dupla vinculação. Tais mensagens são simultâneas e contraditórias, de modo que quem as recebe fica confuso. A vivência desse processo, para muitos pacientes, chega a atingir níveis intoleráveis.

O duplo vínculo permeia aos processos de comunicação humana. De acordo com Bateson e colaboradores (1956), o esquizofrênico é fruto dessa modalidade de comunicação. Fruto de um contexto relacional ameaçador, confuso e imobilizante, que pode levar o indivíduo constantemente a confundir o literal e o metafórico. O único caminho encontrado pelo membro de uma família envolvida por longo período nesse tipo de comunicação, pode ser justamente o que conduz à esquizofrenia, através da qual sua confusão pode ser expressa, sem medo de atacar diretamente aquele que o ataca (CALLIL, 1987, p.29-30).

Nessa linha de interpretação, a ambiguidade das mensagens pode agravar os sintomas do paciente. Mariotti (2005) ressalta que pessoas tidas como “normais” tomam as situações do duplo vínculo como desafios, reagindo sobre elas, intervindo, questionando, pedindo mais clareza sobre tal comunicação. Bateson (1956, apud CALLIL, 1987), chama essa capacidade de “metacomunicação”. Nos indivíduos esquizofrênicos, a saída adotada, nesse caso, é o afastamento do mundo real, porque a constante exposição ao duplo vínculo os faz perder essa capacidade de intervir, de “metacomunicar”. Essas pessoas substituem a comunicação normal por outro modo de comunicação, diferente dos que as pessoas “normais” usam. Imaginam que toda mensagem tem “algo por trás” e se tornam pessoas constantemente desconfiadas.

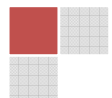


Adquirem um padrão de pensamentos concreto e infantil, ou ignoram, sistematicamente, essas mensagens, afastando-se de tudo e encastelando-se em seu próprio mundo interior, perdendo sua autocapacidade de comunicação (MARIOTTI, 2005, p.4).

A sintomatologia psicótica, nessa perspectiva, pode ser entendida como o único recurso utilizado pelo indivíduo nesse momento e nessa situação particular (PICHON-RIVIÈRE, 2000). Assim, o esquizofrênico é fruto dessa modalidade de comunicação; fruto de um contexto relacional ameaçador, confuso e imobilizante, que leva o indivíduo, constantemente, a confundir o literal e o metafórico. O único caminho encontrado pelo membro de uma família envolvida por longo período nesse tipo de comunicação pode ser o que leva à esquizofrenia, em que sua confusão pode ser expressa sem medo de atacar diretamente aquele que o ataca (BATESON; JACKSON; EWEKLAND, 1956, in CALLIL, 1987).

A literatura sugere, ainda, que um dos fatores que influenciam no desenvolvimento da esquizofrenia reside na qualidade do relacionamento mãe-filho. Estudiosos atentam para o papel do duplo vínculo no processo de comunicação mãe-filho, no surgimento e evolução de sintomas psicóticos, como está esclarecido no trecho a seguir:

A mãe apresenta um comportamento afetivo, um convite à aproximação e a criança então reage a esse convite tornando-se mais próxima de sua mãe. Essa aproximação do filho gera ansiedade na mãe por temer uma relação excessivamente íntima. Ela então sente a necessidade de se distanciar do filho, mas não consegue aceitar seu ato hostil em relação à criança. Ela, então, nega sua hostilidade e, simulando afeição diz: "Vá para a cama, filho. Você está muito cansado". Essa comunicação tem na verdade a intenção de negar um sentimento que poderia ser comunicado da seguinte maneira: "Saia da minha frente, pois estou cheia de você" (BATESON; JACKSON; EWEKLAND, 1956 in CALLIL, 1987, p.29).



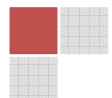
Dessa forma, a discriminação da mensagem se torna um processo complexo:

Se a criança discrimina os sinais metacomunicativos da mensagem enviada pela mãe, terá que encarar o fato de que sua mãe não a quer e que, e que por detrás dessa atitude afetiva, sua mãe a está na verdade enganando, ao discriminar corretamente a mensagem emitida por sua mãe a criança seria punida. É melhor então aceitar a idéia de que está cansada, do que admitir que sua mãe a está enganando (BATESON; JACKSON; EWEKLAND,1956 in CALLIL,1987, p.29).

Resumindo, o filho é punido por discriminar corretamente a mensagem da mãe e é, também, punido caso discrimine incorretamente. Para sair dessa situação, o pai poderia ser solicitado, mas não é capaz de intervir na relação mãe-filho e de apoiar a criança, face às contradições utilizadas. Ele está, também, numa situação difícil; pois, se concordar com o filho sobre a atitude enganosa da mãe, terá que reconhecer, também, a natureza do seu próprio relacionamento com ela (CALLIL,1987). Forma-se, então, um inter-jogo de relações conflituosas, entremeado por processos extremamente perturbados de comunicação.

3. CONCLUSÕES

A revisão da literatura leva a crer que é impossível trabalhar a questão da esquizofrenia, sem levar em conta o contexto familiar e social. É importante atentar não apenas ao controle dos surtos e das crises, mas ter em mente que a família também deve ser promovida na ajuda desse processo terapêutico, sensibilizando a sociedade no sentido de aceitação e respeito para com tais pessoas, para que as mesmas venham a ser tratadas com mais respeito e humanidade. Tengan e Maia (2005), enfatizam, com base em pesquisas, que ações sócio-educativas voltadas ao



funcionamento da família, soluções de problemas e habilidades de comunicação são bastante eficazes na diminuição das crises.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATESON, G.; JACKSON, D.J.; EWEKLAND, J. (1956) Toward a theory of schizofrenia. In: CALLIL, V. L.L, **Terapia familiar de casal**. 4. ed, São Paulo: Summus 1987, p. 29-30.

CALLIL, V. L. L. **Terapia familiar de casal**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1987.

ELKAIM, M. **Panorama das terapias familiares**. São Paulo: Summus, 1998.

HOLMES, D. **Psicologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MARIOTTI, H. Gregory Bateson: um cérebro privilegiado, **Pluriversu – Complexidade, Política e Cultura**. Disponível em: <http://www.geocities.com/pluriversu>. Acesso em: 22 mar.2005.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TENGAN, KS; MAIA, K A. Psicoses funcionais na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria** v.80, n.2, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.com.br> Acesso em 29/09/05.

VILLARES, C. C.; REDKO, P. C.; MARI, J. M. Concepções de doenças por familiares com diagnóstico de esquizofrenia. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. v.21, n.1, São Paulo, 2005. Disponível em:<http://www.scielo.com.br> Acesso em: 30/09/05.

